

SAPO CURURU



Tânia Mara de Matogrosso

TÂNIA MARA DE MATOGROSSO

Copyright

1ª Edição

2010 by Matogrosso, Tânia Mara de

Biblioteca Nacional

Aids e Drogas Doloroso Fim

ISBN 85-88538-05-9

Direitos Autorais: Reservados à autora

Proibida a reprodução para comercialização

taniamaramt@bol.com.br

O SAPO CURURU

(adaptação para teatro)

O sapo cururu morava na Lagoa Azul, no Pantanal de Mato Grosso do Sul.

O sapo cururu era forte e esperto. Quando era pequeno, tinha orgulho de ser sapo. Alimentava-se bem. Pulava de um lado para o outro e vivia sempre de molho. Às vezes ia longe à procura de alimento e também por diversão. Ele era muito curioso. Porém, quando cresceu, cresceu também seu orgulho e revolta. Olhava-se nas águas e via o seu reflexo. Sentia-se o ser mais feio do mundo. E ficava triste a pensar.

O sapo cururu passava horas e horas observando os outros animais.

Apareceu dona onça. A onça andava levemente. Pé por pé. Na beira do lago. Vinha beber água e caçar.

Sapo:

- Será que essa onça anda desse jeito porque... É delicada, charmosa? Ou porque ela não quer molhar suas fortes patas? Ai, ai, ai, como esta onça é linda, forte! Todos a temem. Tem a pele mais brilhante que já vi. Eu gostaria tanto de ser uma onça. Droga, não sei

porque nasci sapo, feio, sujo, lisguento. Sempre solitário, pulando pra lá e pra cá. Parecendo uma besta. Nem me olhar consigo! Como posso esquecer que sou feio?

Nisso, aproxima-se uma cobra arrastando-se pelo chão.

Cobra:

- Falando sozinho, sapo cururu? Tá doidão, é louco! Larga mão, pare de resmungar. A vida é bela. Verde, vermelha, azul, amarela. Parece que é biruta. Só vive de invejas. Faça como eu, fico aqui na minha, assim, linda. Atraente e contente. É só não pisar em mim que tudo está bem, tudo está certo.

O sapo cururu fez que ignorou a cobra. Pensou, pensou...

Sapo:

- Por que você está conversando, falando, falando? Você nem faz parte da minha história. Até parece que não sei. Apareceu de onde?

Cobra:

- Meu amigo, é que sou maneira, Levo tudo na brincadeira. Falo grosso, falo fino. Falo pouco, falo demais. Tudo me satisfaz. E tudo é capaz. Não sou moça, nem rapaz. Sou uma cobra. C-O-B-R-A. Entendeu? Cobra! Vê se não faz barulho, vou tirar uma soneca.

Dias depois, o sapo viu dona onça que se aproximava do lago. Seu olho já saltado crescera ainda mais.

Dois caçadores atiram na onça. A onça caiu e os caçadores a amarraram e saíram puxando-a. O sapo fica curioso sem saber se dona onça morreu ou está desmaiada.

Sapo:

- Será que dona onça dormiu, ou é normal ficar assim deitada? Também nunca vi onça dormir muito menos morrer, e agora? Será que a onça come sapo? Não, acho que não.

Nisso a cobra acorda e o sapo pergunta.

Sapo:

- Cobra, será que onça come sapo?

Cobra:

- Não sei, não, só sei que a mim ela não come. Eu sou esperta. Mordo-a. Agora, se ela come sapo... Cruzes, eu hein?! Sei lá, nunca vi. Mas esta onça parece estar morta ou vai virar luxo de senhora.

Sapo:

- Acho que vou enlouquecer. Vou ficar um pouco de molho pra relaxar e poder pensar melhor. Pensando bem, que bom que eu não

sou uma onça. Se fosse, a estas horas estaria morta. Também, sou tão horrórico que nem para morrer sirvo!

O sapo fica pensativo. Vê uma linda garça branca.

Cobra:

- Até sei no que você está pensando, queridinho. Se você fosse fêmea, eu diria que você era uma sapa louca. Só vive sonhando! Inconformado, invejoso. Ridículo. Quero distância!

Sapo:

- Tô pensando que, se eu fosse uma garça, poderia voar bem alto, ir longe, conhecer o mundo. Lugares lindos! Minhas pernas seriam compridas e o meu pescoço também. Aí, sim, eu poderia enxergar longe. Vida de sapo é tão ruim! Eu nem tenho pescoço. Como posso ser feliz sem pescoço? Desse jeito não dá! Já que sou assim fisicamente, mudo nem que seja de lugar. Mass que mudo eu mudo!

O sapo sai pulando.

Sapo:

- Opa, quase que eu pulo num jacaré. Deixe-me eu verificar. Hum.... O jacaré é feio. Porém, grande. Temido, forte. Com estes dentes... Eu queria ser um jacaré! Deve ser muito bom ser um jacaré.

Enquanto pensava, os jacarés são atacados por caçadores.

Sapo:

- Nossa que horror! Quase me acertaram. Arre, arre! Que matança. Esse bicho chamado homem é muito estranho. Vou olhar melhor um humano. Até que são bonitinhos. Esquisitos. Acho a cabeça do ser humano redonda demais. São estranhos. E esses são maus. Cruéis. Humano não quero ser.

Cobra:

- Sapo, eu não entendo você. Parece maluco. Vive falando sozinho, sempre aborrecido. Parece que não sabe viver. Sabe, você é um chato.

Sapo:

- Eu sei que sou achatado.

Cobra:

- Eu disse chato, não achatado. Pare de sonhar, realize! Viva! A vida é boa.

Sapo:

- É isso aí, realidade é comigo mesmo. Animei-me. Quero ser uma real e linda borboleta! Quero voar levemente!

Cobra:

- o que? Ainda falam de mim... Pior é este sapo pirado. Querer se transformar numa borboleta, dessa vez ele pirou mesmo, coitado.

Sapo:

- Pego duas folhagens, as mais bonitas e peço para algum amigo pregar em minhas costas. Acho que vou ficar lindo! Vai esconder minha feiúra. Eu vou ficar lindo, lindo, lindo.

Então um colecionador de borboletas captura uma borboleta bem pertinho de onde estava o sapo cururu.

Sapo:

- Ai, ai, ai. Também quero brincar. Eu não agüento de tanta vontade de brincar com este humano e a borboleta. Se eu já tivesse pregado as folhagens em minhas costas...

O colecionador aprisiona a borboleta e vai embora. Antes coloca-a num vidro junto com outras borboletas, tampa o vidro e vai embora.

O sapo desiludido começa a chorar e reclama.

Sapo:

- Droga de droga de vida.

Aí o sapo começa a cantar:

“Sapo cururu. Na beira do rio.

Quando sapo canta

É por que tem frio.”

Sapo:

- Já sei, vou ser mais real. Eu queria ser uma linda árvore. Florida, frondosa, enorme e com muitos frutos!

Cobra;

- Nada mal, meu bem. Mas pra você se tornar uma árvore é meio impossível. Nem morrendo dez vezes você vira árvore. Só se for esterco estragado de árvores. Você é um sapo. A árvore é árvore. Cada coisa no seu lugar. Sapo biruta! Seria ótimo, assim você ficaria quieto, parado não pulava tanto. Você parece aqueles humanos! Preguiçosos, inconformados, ingratos com a vida, só sabem reclamar. Que horror! Pare de sonhar e viva!

Sapo:

- Eu sei que sou chato. Não precisa nem me falar. Vivo com a cara no chão.

Cobra:

- Vê se cala essa matraca, que castigo!

O sapo irritado sai de perto da cobra e começa a olhar àrvore por àrvore.

Nisso, dois humanos começam a cortar as àrvores com uma motosserra.

Sapo:

- Socorro, o que é isso?!

Cobra:

- Viu? Sapo imbecil, e você querendo ser uma àrvore. Se você fosse uma àrvore, já era! Teria virado lenha, móveis, carvão. Seres humanos são terríveis. Livrai-me deles!

As àrvores nascem, crescem, florescem, dão frutos. Muitas delas, a maior parte, são medicinais. Curam os humanos. Dão alimentos, constroem suas casas, fornecem matéria prima para a produção de papel. Elas ajudam na oxigenação do nosso planeta. Aí vem o ser humano e as cortam. Muitas vezes só para destruir. Queimam. São muitas as queimadas. São uns destruidores ambulantes. Não medem as conseqüências, destruindo as àrvores e as vegetações. Destroem os répteis, animais, pássaros e eles mesmos, os humanos.

O sapo, decepcionado, começa a gritar:

- Coro, coro, eu não agüento mais. Coro, coro, coro.

Nisso, um grupo de piquenique se aproxima. Uns humanos sem educação. Jogam lixo na natureza. Os meninos com estilingues jogam pedras nos passarinhos, fazem fogueiras poluindo o ar.

O sapo observa tudo nisso:

Menino um:

- Mano, encontrei uma rã e das grandes. Isso é o máximo, que legal, que bom!

Menino dois:

- Vamos levar para o papai ver. Ele vai adorar, já que vamos ter rã para o jantar.

Menino um:

- vamos tira umas fotos dessa rã gigante, pesada. Que coisa mais linda! É uma verdadeira preciosidade.

O sapo ficou mais que feliz. Pela primeira vez na vida recebia um elogio. Mas para os meninos tirarem a foto, precisavam pegar a rã, ou melhor, o sapo. E corre dali, corre daqui. Cansado, o sapo é colocado num saco.

Horas depois.

Sapo:

- Arre, arre. Quase que morro sufocado!

Ao abrirem o saco, todos começam a rir debochadamente.

Pai:

- Meu filho, isto não é uma rã e, sim, um sapo. Que me dera se fosse uma rã deste tamanho! Quem me dera!

Menino um:

- Eu vou esborrachar este sapo na paulada.

Menino dois:

- Deixa que eu te ajudo.

Menino um:

- É pra já que vou destruir este sapo nojento. Se ele fosse uma rã, eu tava feito. Iria receber elogios. Mas como é um sapo, riram de mim. Vai morrer apanhando para largar de ser sapo.

Pai:

- Deixem o sapo ir embora em paz. Se o matarem, só vai servir para virar carniça.

Menino um:

- Pelo ao menos uns chutes eu dou nele.

O sapo sai pulando e volta para o seu habitat. A cobra se aproxima.

Cobra:

- Sapo cururu, por que você não volta conosco para a lagoa azul? Esse bicho chamado humano é muito doidão. E ainda se diz racional. Ouvi dizer que eles são os mais inteligentes do planeta terra. Imaginem se não tivessem inteligência. O que seriam? Mas não são todos iguais. Se fossem, o planeta já estaria todo destruído. Ainda bem que resta uma esperança. Conforme-se, sapo cururu. Faça como eu. Sempre me achei lindona, maravilhosa, me curto pacas, me valorizo pra valer. Não sou mais linda porque sou uma só.

Sapo:

- Estou triste mas aprendi uma lição. Apesar de ser feio eu não queria ser uma onça. Nem uma garça, nem jacaré, nem árvore, nem rã. Sendo sapo estou protegido.

Cobra:

- Fique feliz. Sendo o que é.

Sapo:

- Sou feliz, sou feliz, sou feliz!

Cobra:

- Por que, meu bem? Diz, diz, diz!

Sapo:

- Coro, coro, coro. Sou feio mais sou feliz. Coro, coro, coro. Livre, o que sempre quis.

Cobra:

- Parece que você se encontrou.

Agora preste atenção e ouça com emoção.

Viva o hoje, e agradeça o que é o que tem.

“

Sapo cururu

Na beira do rio

Quando sapo chora

É porque tem frio.”